

Unidades fraseológicas do universo paraense numa perspectiva geofraseológica

Phraseological units on the State of Pará from a geo-phraseological perspective

Cecília Maria Tavares DIAS*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Abdelhak Razky**

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Regis José da Cunha Guedes***

Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Pará (IFPA)

RESUMO: Este artigo insere-se no âmbito da Fraseologia, com o objetivo de analisar as unidades fraseológicas *égua da facada, mas quando, levou o farelo e mas credo* mapeadas em 15 localidades do estado do Pará. Para essa análise, baseamo-nos em pressupostos fraseológicos de Mejri (1999, 2012, 2017), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Fulgêncio (2008), bem como nas perspectivas da Geossociolinguística de Razky (1998), Razky e Guedes (2015) e da Geofraseologia. Os dados foram coletados por meio de um questionário aplicado, via Google Forms, a 53 informantes de duas faixas etárias (18 a 40 anos e 50 a 80 anos), sendo 34 pessoas do sexo feminino e 19 do sexo masculino, naturais das 15 localidades paraenses selecionadas. De acordo com a análise das unidades polilexicais, os resultados alcançados demonstram que, sendo a fraseologia um fenômeno universal para todas as línguas vivas (MEJRI, 2012), as unidades estudadas possuem características morfossintáticas e semânticas, cuja estabilidade atribuída por Mejri (1997), assegura a estreita relação entre os elementos dos fraseologismos, que os leva a

* Mestra em Letras pelo Programa de Pós -Graduação em Letras – PPGL da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa, e doutoranda em Estudos Linguísticos pelo PPGL da Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: ceciliatavaresdias@gmail.com

** Doutor pela Universidade de Toulouse Le Mirail. Professor Titular da Universidade Federal do Pará – UFPA e professor do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília LET/UnB. E-mail: arazky@gmail.com

*** Doutor pela Universidade Federal do Pará. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA. E-mail: regis.guedes@ifpa.edu.br

perder o significado primário para adquirir um novo sentido, desse modo, o uso das referidas expressões dão mostras da vitalidade de uma língua ativa nas localidades paraenses.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Expressões fixas. Geossociolinguística

ABSTRACT: This paper focuses on the scope of Phraseology, with the aim of analysing the phraseological units “*égua da fachada*”, “*mas quando*”, “*levou o farelo*” and “*mas credo*” mapped in 15 locations in the state of Pará in Brazil. This analysis relies on phraseological assumptions by Mejri (1999, 2012, 2017), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Fulgêncio (2008), as well as the perspectives of Geosociolinguistics of Razky (1998), Razky and Guedes (2015) and Geophraseology. The data was collected through a questionnaire applied via Google Forms to 53 informants from two age groups (18 to 40 years old and 50 to 80 years old), including 34 females and 19 males, from 15 selected locations in Pará. According to the analysis of the polylexical units, the achieved results demonstrate that since phraseology is a universal phenomenon for all living languages (MEJRI, 2012), the units studied have morphosyntactic and semantic characteristics, which stability attributed by Mejri (1997) ensures the close relationship between the elements of phraseologisms, what leads them to lose the primary meaning to acquire a new sense. Therefore, the use of these expressions shows the vitality of an active language for localities in Pará.

KEYWORDS: Phraseology. Fixed expressions. Geosociolinguistics

Introdução

A língua de um povo é influenciada por aspectos extralinguísticos, que expressam na sua tônica, histórias vivenciadas e acumuladas nos comportamentos dos falantes. Desse processo, resulta um léxico constituído por um universo rico de expressões fixas. Um repositório vivo de expressividade, ensinamentos, ironias, humor, dentre outros aspectos, constituído de características próprias, imbuídas nos significados que transmitem.

O espaço geográfico, por sua vez, participa da configuração dialetal e da riqueza cultural das comunidades de fala. Como afirma Guedes (2017, p. 69), a língua é uma realidade heterogênea, cuja variação no espaço geográfico, na ordem social e em suas

funções, está relacionada à história, às crenças e a valores culturais e ideológicos das comunidades de fala.

O Pará, como é típico no Brasil, é um estado cuja cultura é resultante dos encontros de povos: os colonizadores portugueses, os negros africanos e os indígenas, em suas variadas etnias, dentre outros povos. Essa heterogeneidade gerou uma dinâmica de expressões variadas, que são um dos elementos responsáveis pela formação identitária do povo paraense.

O objetivo desta pesquisa é analisar as unidades fraseológicas *égua da facada, mas quando, levou o farelo e mas credo*, do estado do Pará, mapeando sua variação diatópica no território paraense, a partir de cartas linguísticas. O *corpus* é composto por expressões orais conhecidas típicas da região, o que foi confirmado a partir dos dados levantados nesta pesquisa.

Quanto à organização textual, o artigo está disposto em três seções: a primeira apresenta pressupostos teórico-metodológicos da Fraseologia, com ênfase nos critérios propostos por Mejri (2012), e sobre a estrutura morfossintática dos fraseologismos; na segunda sessão explicamos os pressupostos metodológicos aplicados e, finalmente, na terceira sessão, apresentamos e discutimos os resultados que foram mapeados em cartas linguísticas, e que versam sobre a frequência de uso das expressões estudadas nas localidades paraenses selecionadas. Posteriormente, seguem-se as considerações finais.

1 Fundamentos teóricos

1.1 Fraseologia

O ser humano, de modo singular, para se comunicar, aciona diversos recursos linguísticos, como as palavras e expressões existentes no léxico, termo, que segundo Preti (1992, p. 93), “(...) é o campo da língua que melhor espelha a dinâmica social”. E na condição de itens lexicais, os fraseologismos funcionam como marcadores idiomáticos por excelência, já que são elementos identificadores da variação linguística e da relação da língua com a cultura particular de um determinado grupo social, destacando

particularidades fraseológicas regionais e socioétnicas (MEJRI, 2017). Desse modo, convém indagar-se sobre o que vem a ser Fraseologia.

Inúmeras são as argumentações de autores que tratam do *status* da Fraseologia como sendo autônoma, ou como uma subdisciplina da Lexicologia. Entretanto, nessa discussão, convém ressaltar que a Fraseologia é um fenômeno linguístico, cuja manifestação ocorre por meio de associações sintagmáticas recorrentes (MEJRI, 2012), fenômeno no qual, para o autor, acontece o processo de “figement” (fixação, cristalização, congelamento), resultando daí os fraseologismos, que são o objeto de estudo dessa ciência. Nesse sentido, o ensino das características comuns das unidades fraseológicas não tem sido uma tarefa fácil, considerando-se a complexidade de denominações e delimitações dos conceitos propostos pelos pesquisadores desse campo de investigação.

Mejri (1997) propõe cinco características, ressaltando que elas são essenciais para se definir uma combinação de palavras como uma unidade fraseológica: a *polilexidade* que diz respeito à formação estrutural do fraseologismo, sendo esse, constituído por mais de uma unidade lexical como em *égua da facada*; a *fixidez*: um processo linguístico em que os elementos livres que constituem um sintagma, transformam-se em sintagmas cujos elementos não podem ser dissociados (GROSS 1996, p, 2); a *congruência*: a estrutura sintagmática precisa estar adequada às regras de formação das sequências fixas: *Ele pegou o touro pelos chifres*; a *convencionalidade*: a repetição torna a unidade fraseológica uma convenção entre os falantes e, conseqüentemente, há uma maior fixação; a *idiomaticidade*: “[...] é um traço semântico próprio de certas construções fixas cujo sentido não pode estabelecer-se a partir do significado dos elementos componentes de sua combinação” (ZULUAGA, 1980, p. 121-134).

As unidades fraseológicas incluem diferentes denominações como expressões idiomáticas, locuções, fórmulas de rotinas, entre outras. Ou seja, são um grupo constituído por expressões fixas, dessa forma, qualquer sequência de palavras que é “memorizada pelos falantes da língua como um todo unitário, sendo igualmente recuperada da memória em bloco, sem o intermédio obrigatório da aplicação de regras de valor geral”. (FULGÊNCIO, 2008, p. 101).

As expressões fixas apresentam uma estruturação interna de vários tipos, como por exemplo, construções que incluem SNs (sintagmas nominais - *fim de semana*,

contrato de gaveta), SVs (sintagmas verbais – *perder tempo, dar-se mal*), SPreps (sintagmas preposicionais - *sem mais nem menos, a certa altura*), preposições (*em frente a, em lugar de*), conjunções (*de maneira que, apesar de*), entre outras.

1.2 As unidades fixas numa perspectiva fraseológica

Os estudos da moderna dialetologia apontam a relevância da variável diatópica (geográfica) para a compreensão do fenômeno da variação linguística, a moderna dialetologia surge na segunda metade do século XX, influenciada pelo fazer da sociolinguística, iniciada por Labov, que passou a considerar as influências das variáveis sociais nas comunidades de fala.

Nas últimas décadas do século XX, vimos o surgimento da perspectiva da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (RADKE; THUN, 1996) e da Geossociolinguística (RAZKY, 1998), perspectivas teórico-metodológicas que preveem o mapeamento da pluridimensionalidade da variação nos atlas linguísticos.

É importante destacar o papel dialetal na dinâmica da variação do léxico no contínuo geossocial de uma comunidade linguística, uma vez que a representação da variação diatópica da percepção de uso, no território paraense, das quatro expressões fraseológicas mais produtivas do *corpus* (*Égua da facada; Mas quando; Levou o farelo; Mas credo*), é realizada sob uma perspectiva de análise geofraseológica, seguindo os pressupostos da geossociolinguística, uma metodologia que considera diversas variantes sociais dos informantes, tais como, a idade, o sexo, a renda, a escolaridade, a geografia, entre outras, para que se tenha, de fato, uma análise mais completa.

2 Procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento deste trabalho, percorreram-se três etapas importantes considerando-se os objetivos da pesquisa: o levantamento bibliográfico sobre expressões fixas, de uso coloquial nas interações comunicativas; a elaboração e aplicação do questionário; o tratamento e a análise dos dados.

Os fraseologismos estudados neste artigo constituem um recorte do *corpus* coletado para a elaboração da tese de doutoramento de Cecília Dias, que é um trabalho em andamento, sob a orientação do prof. Dr. Abdelhak Razky e co-orientação do prof. Dr. Regis Guedes, pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da UFPA.

Para a elaboração do questionário foram criadas as seguintes questões, a exemplo das utilizadas para a expressão *Égua da facada*:

Quadro 1: Perguntas do questionário

01	Já ouviu falar a expressão 'Égua da facada' com o sentido de que um produto é muito caro?
02	Você já usou essa expressão? Usa ainda? Muito ou raramente?
03	As pessoas usam bastante nessa região?
04	Você conhece outra expressão que tenha o mesmo sentido de <i>Égua da facada</i> ?
05	Se você nunca usou e achar que não seja uma expressão dessa região, sabe dizer em que lugar (estado ou região do Brasil) essa expressão é usada?

Fonte: Elaborado pelos autores

Em se tratando da aplicação do questionário, optou-se pelo uso da plataforma *Google Forms*, e os informantes foram selecionados e contactados por telefone ou via redes sociais. O *link* do questionário foi enviado aos informantes e as respostas obtidas foram triadas e tratadas, utilizando-se também da mesma plataforma.

Para a escolha das localidades a serem pesquisadas, levou-se em consideração o fato de cobrir-se uma amostra geográfica representativa do estado do Pará. Para tanto, foram selecionadas 15 localidades, as quais se apresentam, a seguir, no quadro 2:

Quadro 2: Localidades paraenses envolvidas na pesquisa e número de informantes

Localidades	Informantes	Localidades	Informantes
Abaetetuba	4	Ponta de Pedras	4
Belém	4	Portel	3
Breves	3	Redenção	3
Cametá	4	Rondon do Pará	3
Castanhal	3	Santarém	3
Itaituba	3	Tucuruí	4

Marabá	4	Xinguara	4
Moju	4		

Fonte: Elaborado pelos autores

Foram entrevistados 53 informantes de duas faixas etárias (a primeira faixa de 18 a 40 anos, e a segunda de 50 a 80 anos), sendo 34 pessoas do sexo feminino e 19 do sexo masculino.

Seguindo os pressupostos metodológicos da Geolinguística, os dados fraseológicos estudados neste artigo foram selecionados, quantificados e mapeados em cartas linguísticas por meio do *software* CorelDRAW 2010, de modo a representar cartograficamente a variação diatópica (geográfica), acerca do uso das expressões fraseológicas estudadas. Por sua vez, as percepções de uso das expressões linguísticas, que se configuram como comentários metalinguísticos, são classificadas no âmbito da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996) como variável diarreferencial.

3 Discussão dos resultados

Neste estudo, foram investigadas 10 (dez) expressões fixas conhecidas no falar paraense: *Aplica a tua tese*, *De rocha*, *Égua da facada*, *Eu choro*, *Foi sal*, *Hum tá cheiroso*, *Levou o farelo*, *Mas credo* e *Mas quando*. Foram selecionadas as 4 (quatro) mais produtivas, cujos dados foram mapeados e discutidos. Portanto, nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir do mapeamento geolinguístico das seguintes expressões: *Égua da facada*¹ (98,4%), *Mas quando*² (98,4%), *Levou o farelo*³ (93,7%) e *Mas credo*⁴ (93,7%).

Como se pode observar, a partir desses percentuais supracitados, os dados demonstram que a maioria dos colaboradores entrevistados na pesquisa afirmou ter conhecimento das expressões que lhe foram apresentadas, seja no uso próprio dessas

¹ Reação do falante diante de um produto cobrado por um valor muito caro.

² Negação, subestimação ou contrariedade

³ Diz-se quando alguém se dá mal em alguma coisa ou para o ato de morrer.

⁴ Expressão dita diante de algo que surpreende de forma negativa.

expressões no cotidiano da sua vivência, seja como parte do universo linguístico empregado nas referidas localidades, o que sugere sua vitalidade no espaço dialetal paraense.

Do ponto de vista da sua composição, as expressões selecionadas registram-se sob diferentes tipos de estruturas, que podem ser assim descritas:

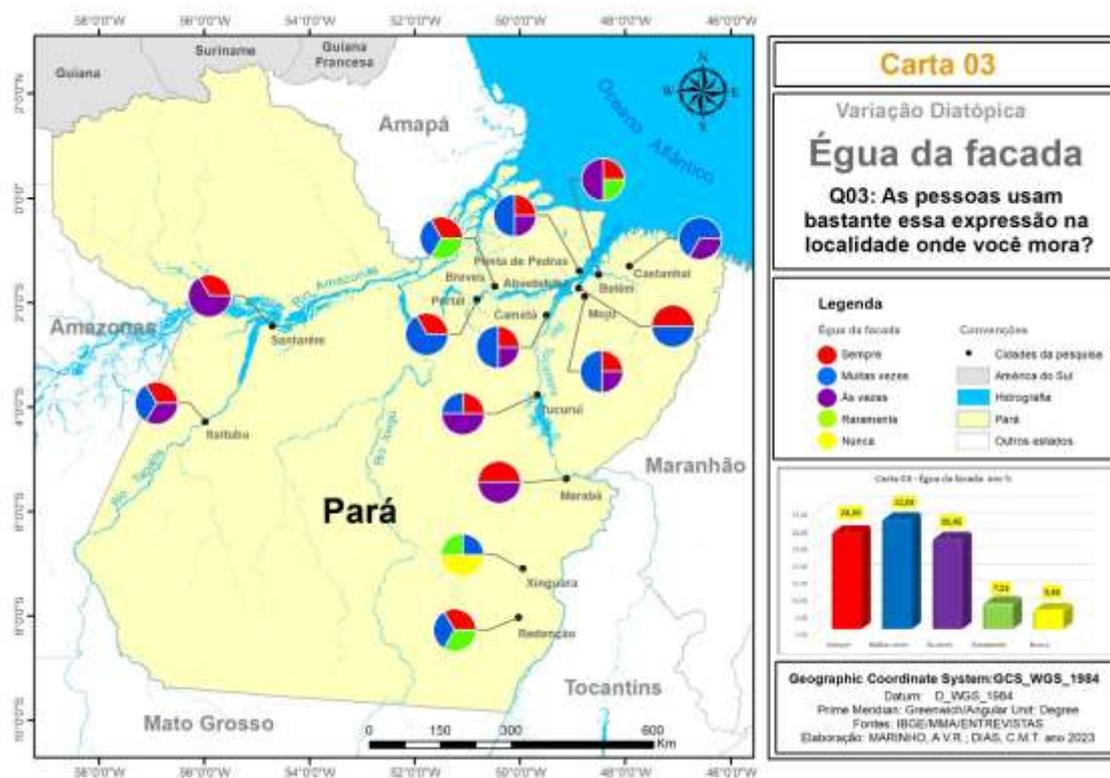
- a) Substantivo + Sintagma Preposicional (*Égua da facada*)
- b) Conjunção + Advérbio (*Mas quando*)
- c) Verbo + Sintagma Nominal (*Levou o farelo*)
- d) Conjunção + Substantivo (*Mas credo*)

Percebem-se que essas expressões fixas são lexias complexas, cujas combinações sintáticas desempenham função pragmática, uma vez que existem sintagmas memorizados, que são repetidos como um todo coeso, muitas vezes, com um alto grau de metaforização, visto que, o significado literal de cada expressão difere completamente do sentido empregado nas localidades pesquisadas, como por exemplo, *Levar o farelo* não significa levar para alguém um cereal ou alimento esfarelado, mas a ação de “se dar mal” e, até mesmo, referir-se ao ato de morrer.

3.1 Discussão dos dados na perspectiva geofraseológica

Nesta subseção, apresenta-se a cartografia geolinguística das respostas obtidas a partir da aplicação do questionário elaborado, que refletem a percepção de uso das referidas expressões fraseológicas. Nas discussões dos dados cartografados, enfatiza-se a distribuição geográfica do uso dessas expressões nas localidades paraenses pesquisadas.

Figura 1: Variação diatópica de *Égua da facada*.



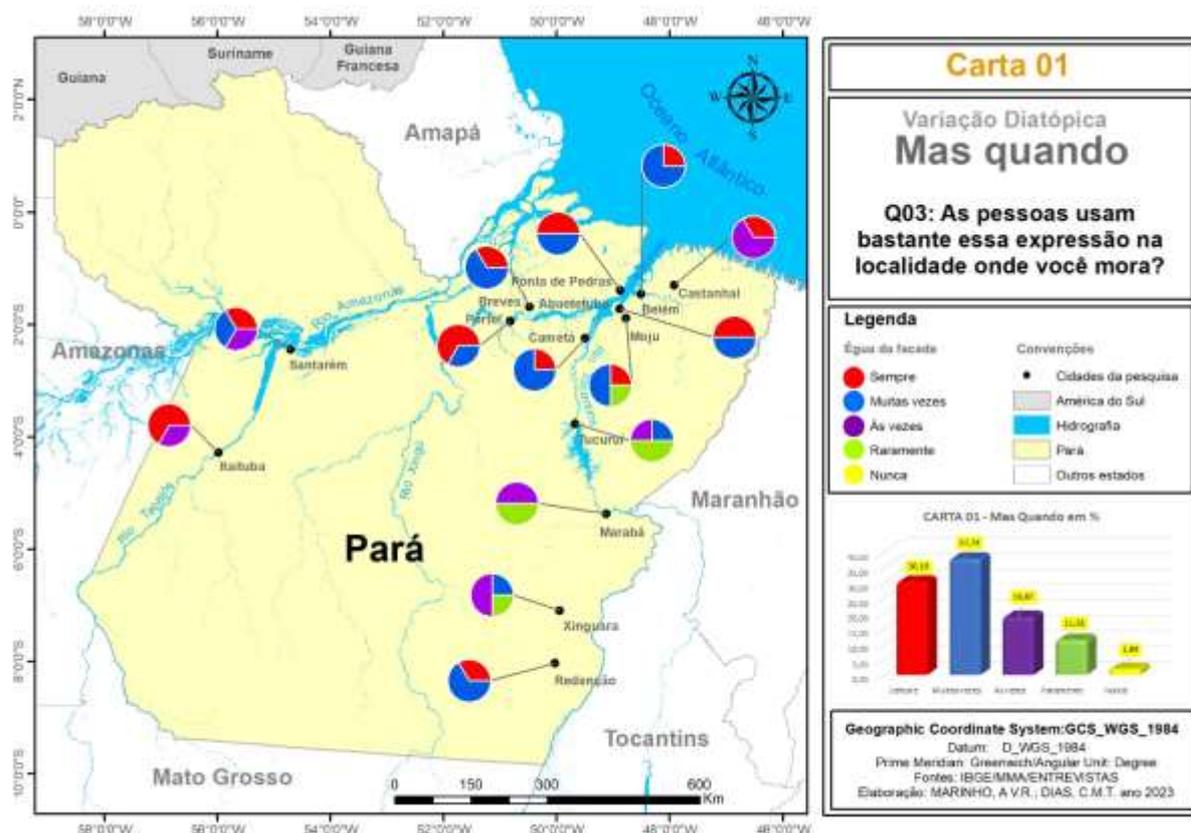
Fonte: Elaborada por MARINHO, A.V.R e DIAS, C. M. T. 2023.

Na figura 1 (carta 03), que mapeia o uso da expressão fraseológica *Égua da facada*, observam-se que os percentuais das respostas *Sempre* e *Muitas vezes* e *Às vezes* são predominantes em quase todas as localidades pesquisadas, com uma diminuição desses índices em Xinguara, onde a resposta *Às vezes* aparece apenas com 25%. O restante dos dados destaca as respostas *Nunca* com 50%, e *Raramente* com 25%. *Raramente* também aparece nos dados de Abetetuba, Redenção e na capital, Belém.

Conclui-se que a distribuição geográfica desses índices pelo território mapeado dá indícios de que a expressão *Égua da facada* é produtiva no falar paraense, visto que foi indicada como usada em todos os municípios investigados. Além disso, quando considerados os dados das demais questões do questionário aplicado, confirma-se que é recorrente o uso dessa expressão nas localidades pesquisadas, ao se referirem ao preço alto de uma mercadoria ou objeto. Os dados confirmam que a expressão é do conhecimento dos falantes, pois ao serem indagados sobre a existência de outra expressão com o mesmo sentido dela, 74% confirmaram e citaram outras variantes fraseológicas,

tais como: *Me rouba logo* (maior índice de registros); *Arranca o couro*; *Égua do rombo*; *Tira meu rim, logo!*; *Égua da cortada*; *O olho da cara*, entre outras.

Figura 2: Variação diatópica de *Mas quando*.



Fonte: Elaborada por MARINHO, A.V.R e DIAS, C. M. T. ano 2023

A expressão *Mas quando* (cartografada na figura 2) tem o sentido da palavra negativa *não*, sobre a qual se perguntou: “Você já ouviu falar a expressão *mas quando* com o sentido de dizer ‘*não*’ sobre alguma coisa, como por exemplo, na frase: Você vai ao show hoje? *Mas quando*, estou sem dinheiro, ou seja, a pessoa está afirmando, de forma indireta e engraçada, que não irá ao evento.”

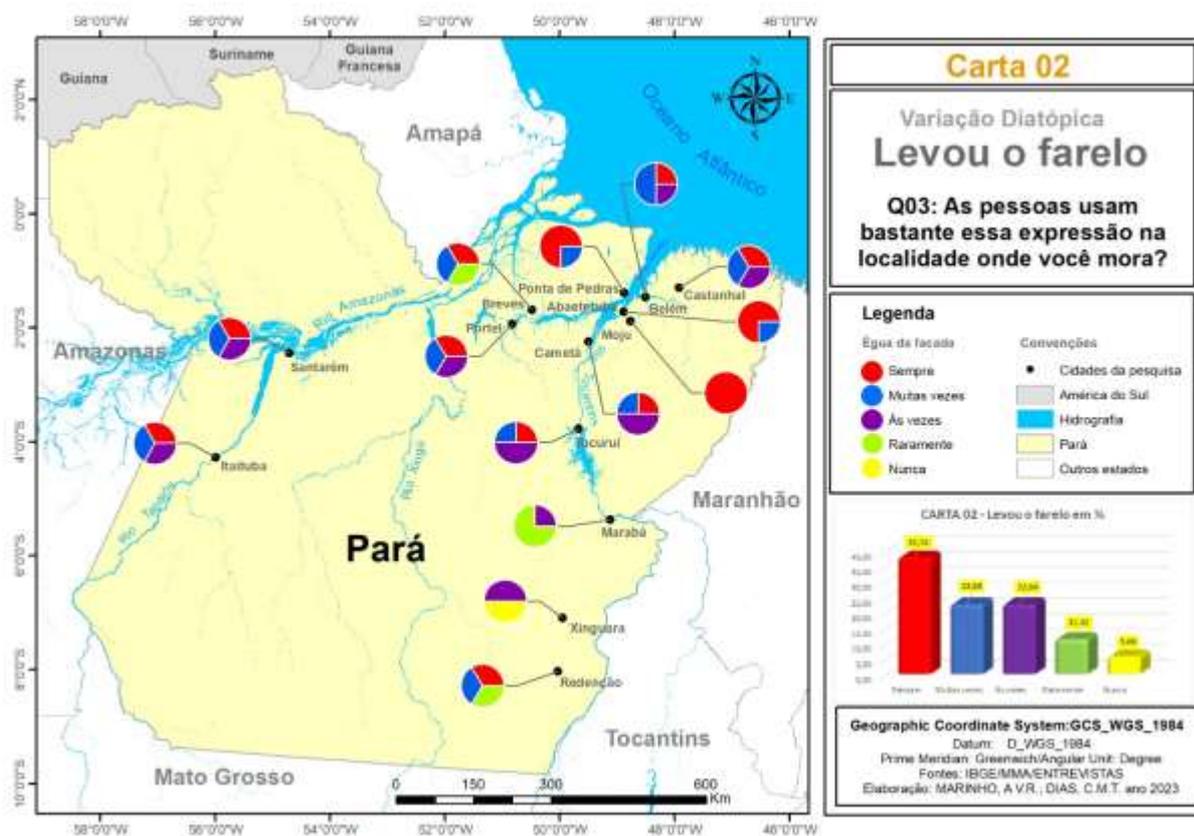
Nos dados cartografados sobre o uso da expressão *Mas quando*, os percentuais das respostas *Muitas vezes* (37,74% do total de respostas) e *Sempre* (30,19% do total de respostas), representam juntos mais da metade do total das respostas obtidas no estado, o que ratifica o uso frequente dessa expressão no estado. Neste contexto, destacam-se as

localidades de Portel (mesorregião Marajó) e Itaituba (mesorregião sudoeste do Pará), nas quais o percentual da resposta *Sempre* foi de 75% do total de respostas obtidas.

Saliente-se que a resposta *Raramente*, para o uso da expressão *Mas quando*, foi registrada em quatro localidades, como se pode ver na carta 1 (figura 2). Em Tucuruí e Marabá (mesorregião sudeste paraense) os percentuais dessa resposta foram de 50% das respostas obtidas. Em *Moju (nordeste paraense) e em Xinguara (sudeste paraense)*, o percentual registrado da resposta *Raramente* foi de 25%. Juntas, essas respostas representam apenas 11,32% do total de respostas obtidas, o que demonstra que a expressão é menos usada no sudeste do estado, contudo é conhecida dos informantes.

Quando considerados os dados da questão 4 do questionário aplicado (“Você conhece outra expressão que tenha o mesmo sentido de *Mas quando*”), a maioria dos informantes mencionou as seguintes variantes fraseológicas: *Mas quando já!*; *Que nada, maninho*; *Só se for mesmo*; *Em qual momento?*; *Quem me dera*; *Não vai dar*; *Mas olha já*; *Eu hein!*

Figura 3: Variação diatópica de *Levou o farelo*.



Observando-se os dados cartografados na carta 02 (figura 3), sobre a pergunta Q03 do questionário, para a unidade lexical *Levou o farelo* (usada como resposta para quando uma pessoa é prejudicada em alguma situação do cotidiano ou para dizer, em forma de humor, que uma pessoa faleceu), verifica-se que os dados cartografados revelam que essa expressão tem vitalidade nas localidades pesquisadas.

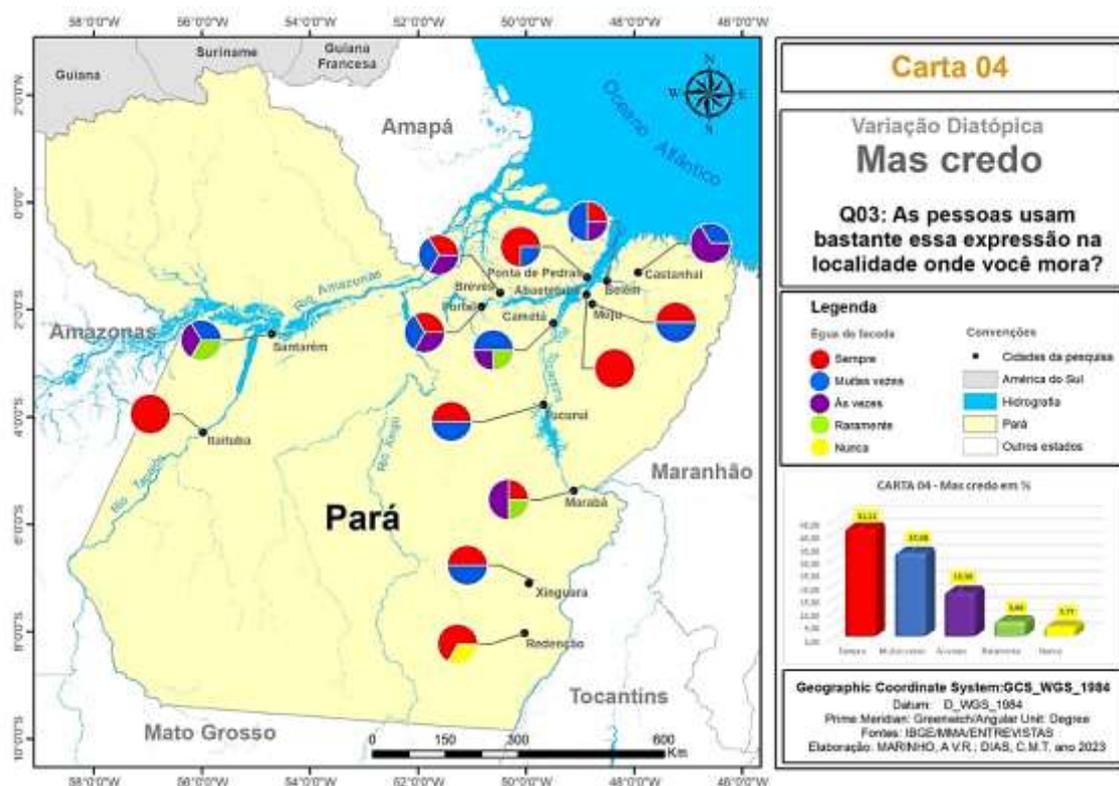
A exemplo do que foi observado nas duas cartas anteriormente apresentadas (cartas 03 e 01), os dados cartografados na carta 02 (figura 3), permitem perceber que a frequência das respostas *Sempre* (37,74%), *Muitas Vezes* (22,64%) e *Às vezes* (22,64%) demonstra alto percentual de uso da expressão *Levou o farelo* nas localidades pesquisadas. Neste caso, destacam-se os percentuais da resposta *Sempre* em Moju (100%), em Abaetetuba (75%), ambas localizadas no nordeste paraense, bem como na cidade de Ponta de Pedras (mesorregião Marajó), que também apresentou percentual de 75% para a resposta *Sempre* no uso da expressão *Levou o farelo*.

À semelhança dos percentuais nas cartas 03 e 01, a resposta *Raramente* se destaca no sudeste paraense, com 75%, em Marabá e 33% em Redenção, embora haja o registro de 33% da resposta *Raramente* em Breves, município localizado na mesorregião do Marajó, destaca-se o registro resposta *Nunca* com 50% das respostas obtidas no município de Xinguara (sudeste do Pará). O que reforça a percepção de que o falar nessa mesorregião paraense destoa no restante do estado.

Diante dos percentuais apresentados, vemos que a expressão fraseológica *Levou o farelo* é produtiva no estado do Pará, porém os índices são mais acentuados nas regiões norte e noroeste do estado. Os colaboradores apontaram também as seguintes variantes dessa unidade fraseológica: *Se ferrou; Deu azar; Foi sal; Levou o destempero; Partiu dessa para melhor; Se lascou* e *Só deu pro teu*.

A seguir, apresentam-se os dados mapeados na carta 04 (Figura 4), sobre a expressão fraseológica *Mas credo*, que se refere a uma situação em que alguém não gosta de alguma coisa, ou quando se surpreende, negativamente, com algo.

Figura 4: Variação diatópica de *Mas credo*.



Fonte: Elaborada por MARINHO, A.V.R e DIAS, C. M. T. 2023.

Segundo os dados cartografados na figura 4 (Carta 4), que mapeia a percepção de uso da expressão fraseológica *Mas credo*, observa-se uma distribuição diatópica similar à das cartas anteriormente apresentadas. As respostas *Sempre* e *Muitas vezes* são predominantes no uso pelos falantes paraenses, concentrando-se os maiores índices da resposta *Sempre* nas localidades Abaetetuba (100%), Itaituba (100%), Ponta de Pedras (75%), Redenção (75%), Moju (75%), Tucuruí (75%) e Xinguara (75%). Os dados demonstram alta percepção de uso da expressão *Mas credo* em todo o estado, incluindo a mesorregião Sudeste.

A resposta *Raramente* para o uso da expressão *Mas credo* obteve apenas 5,66% de registros no estado, tendo sido registrada em três localidades: Santarém (33%), Cametá e Marabá, ambas com 25%. Por sua vez, a resposta *Nunca* foi registrada apenas em Redenção representando 25% do total de respostas obtidas.

Indagados se conheciam outras expressões com sentidos semelhantes à *Mas credo*, os informantes mencionaram as variantes: *Poxa...que zica*; *Tá louco*; *Nossa...que*

horror!; Mas que diaxo!; Deus me livre!; Credo uai!; Mas olha!; Arre credo!; Mas assim!; Cruz credo!; Me mata logo!; Mas quando já!; Bão Não! e Tá horrível.

Considerando-se o conjunto geral dos dados apresentados e discutidos neste estudo, percebe-se que, a partir das respostas obtidas quanto à percepção dos falantes: *Sempre, Muitas vezes, Às vezes, Raramente e Nunca*, que as três primeiras respostas foram as mais produtivas, e que os itens *Raramente* e *Nunca* ocorrem em menor frequência, tendo registros, sobretudo, na região sudeste do estado.

Pode-se deduzir desses dados que os índices das respostas *Raramente* e *Nunca* (que demonstram baixo grau de uso das expressões *Égua da facada, Mas quando, Levou o farelo e Mas credo*) destacam-se na mesorregião sudeste, e isso se dá como um reflexo do processo de seu povoamento, visto que, a região sudeste do estado recebeu muitos imigrantes de outros estados do Brasil, em busca de trabalho na mineração e pecuária a partir da segunda metade do século XX, sendo portanto, uma região densamente ocupada mais recentemente, enquanto que a porção mais ao norte do estado recebeu levas de imigração desde o período colonial, passando pelo período áureo da extração da borracha no final do século XIX.

Esses dados históricos, relacionados aos dados linguísticos em escopo, possibilitam demarcar duas grandes zonas distintas, quanto à ocupação e distribuição diatópica da população, o que se reflete na percepção dos distintos falares registrados no território paraense. Constituindo-se assim, em uma zona de ocupação mais antiga, ao norte, e outra zona de ocupação mais recente, ao sul do estado.

Os dados diarreferenciais mapeados neste estudo corroboram os estudos de Razky e Guedes (2015), Guedes (2017) e Guedes, Razky e Costa (2018), realizados a partir dos dados dos projetos Atlas Léxico Semântico do Pará (ALeSPA) e Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI), a partir dos quais cunhou-se o conceito de agrupamentos lexicais diatópicos, representando-se a configuração da distribuição espacial (geográfica) de itens lexicais pertencentes a diversos campos semânticos mapeados nestes projetos, como *libélula, lagarto, galinha d'angola, estilingue*, e outros. Os dados diarreferenciais mapeados neste estudo, parecem amparar a existência de agrupamentos lexicais diatópicos presentes também no uso das expressões fraseológicas *Égua da facada, Mas quando, Levou o farelo e Mas credo*, que projetam a existência das

referidas grandes zonas lexicais no estado do Pará, uma de maior e outra de menor incidência de uso dessas expressões, uma formada a partir de fluxos migratórios mais antigos ao norte, e outra formada mais recentemente ao sul do estado, exatamente como apontaram os estudos anteriores.

Considerações finais

A língua faz parte da cultura e da história de um povo. Desse modo, pode-se afirmar que, no universo de cada comunidade de fala, como nas localidades paraenses pesquisadas, existem usos linguísticos que são específicos de cada região, conforme Mejri (2012), configurando um universal linguístico, como a presença das expressões analisadas neste estudo.

A partir da perspectiva Geofraseológica, pode-se concluir que a distribuição diatópica das respostas obtidas, acerca da percepção de fala nas comunidades pesquisadas (variável diarreferencial), quanto às expressões fraseológicas estudadas, demonstrou que essas expressões têm vitalidade no falar paraense, contudo, o uso delas não é uniforme em todo o estado, havendo zonas de maior e menor incidência, uma vez que as respostas *Sempre e Muitas vezes* alcançaram maiores percentuais na porção norte e noroeste do estado, enquanto que as respostas *Raramente e Nunca*, predominam na porção sul do estado do Pará, salvo algumas poucas ocorrências em outras localidades de outras mesorregiões.

O *corpus* analisado neste estudo demonstra que a competência linguística do falante inclui não somente um sistema de regras para a geração de sentenças criativas, mas também um vasto componente de sequências de palavras memorizadas.

Nesse sentido, como propõe-se este trabalho, é feita uma amostragem de expressões fixas faladas em localidades paraenses, com a finalidade de demonstrar como são constituídos os elementos numa relação morfossintático-semântica, considerando-se a importância de se identificar e conhecer os fenômenos fraseológicos de uma língua, pois já afirmava Saussure (2006), o indivíduo não fala por palavras isoladas, ou seja, a todo momento usa combinações pré-fabricadas na língua para se comunicar.

Além do mais, outro fator relevante, é a estabilidade atribuída por Mejri (1997) que assegura a estreita relação entre os elementos dos fraseologismos, que o leva a perder o significado primário para adquirir um novo sentido, como por exemplo, o *Égua da facada* que, denotativamente, não se trata de o sujeito aplicar um golpe de faca em alguém, nem que na ação exista o animal denominado “égua”, mas uma expressão de espanto de um falante diante de algo que lhe é cobrado por um preço exorbitante.

Em síntese, esta pesquisa demonstra a importância dos estudos fraseológicos e geofraseológicos a partir de dados orais, assim como, a relevância dos resultados para a construção do saber linguístico e para o conhecimento do léxico do português brasileiro. As expressões fixas analisadas dão mostras da vitalidade de uma língua ativa nas localidades paraenses, o que demonstra que os sintagmas fixos são largamente empregados na língua portuguesa falada no Brasil.

REFERÊNCIAS

FULGÊNCIO, Lúcia. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC, Belo Horizonte, 2008. 506 p.

GROSS, Gaston (1996), **Les expressions figées du français**, Paris: Ophrys

GUEDES, Regis José da Cunha. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupí-guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Pará, 2017.

GUEDES, Regis José da Cunha; RAZKY, Abdelhak; COSTA, Eliane Oliveira da. Agrupamentos fonéticos diatópicos no português falado no estado do Pará: o contínuo de fala entre áreas indígenas e comunidades envolventes. In: SÁ, Edmilson José de; OLIVEIRA, Marilucia Barros de; SANCHES, Romário Duarte (Orgs.). **Diversidade Linguística em Comunidades Tradicionais**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2018. p. 171-192.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique**. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.

_____. Unité polylexicale et polylexicalité. **Linx** n. 40, 1999, p. 79-93.

_____. **Délimitation des unités phraséologiques**. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.) Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e Paremiologia. Campinas: Pontes Editores, 2012, v. 1, p. 139-156.

_____. **Phraséologie et atlas linguistique**. Conferência proferida durante o VII Seminário Regional de Geossociolinguística – SERGEL. Universidade Federal do Pará, Belém, 23 nov. 2017.

PASTOR, Gloria Corpas. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.

PRETI, Dino. Transformações sociais e seu reflexo no léxico da linguagem urbana brasileira contemporânea. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 93-99, 2. sem. 1992.

RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Heidelberg/Mainz 21.-24.10. 1991, Kiel, Westensee, 1996

RAZKY, Abdelhak. **O Atlas geo-sociolinguístico do Pará**: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). *A geolinguística no Brasil*: Caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. Le continuum des regroupements lexicaux dans l'atlas géosociolinguistique du Pará. **Revista Géolinguistique**, Centre de Dialectologie. GIPSA-lab – Univ. Grenoble Alpes, n. 15, p. 149-162, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Max Hueber, Verlag, Tübingen, 1980.